A CANTIGA TROVADORESCA DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER GALAICO-PORTUGUESA COMO FORMA DE TRANSGRESSÃO SOCIOCULTURAL

THE GALICIAN-PORTUGUESE TROUBADOUR'S CANTIGA DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER (SONGS OF DERISION) AS A WAY OF SOCIOCULTURAL TRANSGRESSION

Wendel Souza Borges [1]

Resumo: Esse artigo tem como intuito abordar a transgressão como algo inerente às sociedades (ou a sociedade ocidental) como forma de contestação e como processo evolucionário social. À luz da teoria foucaultiana sobre a transgressão aliada ao ponto de vista do sociólogo Albert K. Cohen, pretende-se analisar a sátira presente nas cantigas trovadorescas medievais galego portuguesa de escárnio e de maldizer, como meio de transgressão das normas sociais vigentes.
Palavras-chave: Sátira; Transgressão; Trovadorismo.

Abstract: The purpose of this article is to address transgression as something intrinsic to society (or the western society) as a form of contestation and as a social evolutionary process. In light of the foucauldian theory about transgression allied to sociologist Albert K. Cohen's point of view, we intent to analyze the satire present in cantigas de escárnio e de maldizer (songs of derision) of medieval Galician-Portuguese troubadours, as a means of transgressing the current social norms.
Keywords: Satire; Transgression; Troubadour.

"[...] Ludo mentis aciem,
Egestatem,
Potestatem
Dissolvit ut glaciem."
Carmina Burana

"Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar"
Chico Science

O objetivo deste artigo é fazer uma abordagem multidisciplinar envolvendo a literatura, a filosofia, a sociologia e a história, no sentido de verificar a transgressão presente nas cantigas de escárnio e de maldizer galaico-portuguesas, sob a perspectiva de Foucault (1963) e Cohen (1968), de modo a entender as relações complementares entre leis, normas, dogmas e processos transgressivos, pois conforme Lippi (2009, p. 177), a "transgressão precisa da lei para se pôr em acção. "

Para tanto, foi tomada como ponto de partida, uma breve análise das obras *Prefácio à transgressão* e

[1] Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Brasil.

Transgressão e Controle, dos respectivos retros citados autores, mais ainda, a interpretação de três cantigas luso-galegas no intuito de averiguar elementos transgressores aos padrões morais em vigor na Península Ibérica cristã e medieval.

Segundo Spina (1997, p. 77) "o século XII é denominado o segundo Renascimento (o primeiro fora o Carolíngio) " que se deu entre as centúrias VIII e IX.

> "O século XII surge como um século dinâmico: criação e desenvolvimento das cidades, realização das Cruzadas e consequentemente do comércio ultramarino. Aparição da burguesia. O movimento urbano ocasionou a transferência da supremacia das escolas monacais para as escolas episcopais; e estas, eminentemente urbanas, dão origem às universidades do século XIII. " (SPINA, 1997, p. 76).

O autor afirma que na literatura há uma retomada de autores clássicos como Virgílio e, sobretudo, de Ovídio, cuja temática primordial é o amor.

> "Ovídio está presente na arte amatória dos trovadores palacianos, nos romances corteses, nas cortes de amor que discutem problemas de jurisprudência amorosa, e no drama passional de Abelardo e Heloísa. [...] O maior acontecimento do século é a descoberta do amor romântico (do amor eternamente insatisfeito, fonte de toda a poesia europeia posterior). " (SPINA, 1997, p. 77 e 78).

Então, nesse torvelinho sociocultural, surge o movimento denominado Trovadorismo, que irá espalhar-se pela Europa entre os séculos XII e XIV, encontrando seu apogeu no século XIII. Da Itália a Portugal, países como a Alemanha (*minesang*[2]) e a França (*trobar leu, trobar ric* e *trobar clus*[3]) inseriram-se nesse movimento lírico-musical dando vazão ao amor cortês e à hierarquização feudal nas relações erótico-amorosas.

Se por um lado houve o fortalecimento do amor ideal e da cortesia cavalheiresca, desponta também, na lírica trovadoresca, modos de criticar a sociedade medieval, uma vez que esta, apesar do desenvolvimento anteriormente aventado, estava imbuída de mazelas e vícios sociais que afligiam tanto as instituições como os indivíduos, ou seja:

> "A poesia satírica galego-portuguesa, [...] oferece-nos um precioso testemunho sobre a Idade Média portuguesa e peninsular, na medida em que documenta os seus costumes, sem a idealização da cantiga de amor, e nos informa sobre os fatos históricos e sociais mais relevantes. " (FERREIRA, 1980, p. 22).

[2] Ver: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. Vol. 2. p. 74-85.

[3] Ver: SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997. p. 48.

Assim sendo, esse tipo de literatura oferece-nos um manancial histórico amplo e diversificado sobre a sociedade peninsular da Ibéria medieval. E ainda que a sátira trovadoresca tenha encontrado seu lugar nas produções literárias em outros territórios, foi no espaço da Península Ibérica em que ela pode ostentar seus melhores frutos e um amplo arsenal cujo intento era ridicularizar, por vezes, de maneira deveras agressiva, todos os patamares sociais: de vilões do mais baixo escalão ao alto clero e a nobreza.

> "A sátira na idade média foi demasiado violenta. Fora das formas burguesas, a sátira serviu, ora como instrumento de ataque ao clero, à cúria romana, ao papa, ora de ataque político, ora para expressão dos sentimentos mais brutais do homem (a poesia fescenina de maldizer que infesta os cancioneiros galego-portugueses). " (SPINA, 1997, p. 54).

Portanto, em uma sociedade alicerçada em uma dinâmica cuja moral cristã imperava ditando como paradigmas a ordem e a obediência[4], o cancioneiro satírico surge como um libelo que apregoa aos quatro ventos a transgressão.

Pode-se perceber então que, quanto mais conservadora uma sociedade mais se faz presente a transgressão, seja na contemporaneidade seja na Idade Média. Segundo Cohen (1968), a sociedade, no intuito de parecer coesa e organizada, cria leis e normas para prescrever a conduta moral que a rege. No entanto, essas leis e normas são dotadas de ambiguidade, pois são aceitas por uns e refutadas por outros. O autor questiona sobre quem elabora as leis e com que autoridade acredita que essas leis e normas beneficiariam a sociedade como um todo.

Ele afirma que dentro de uma coletividade e ele assim a define: "sistema social com nomes e identidades, a qual, segundo se admite, as pessoas pertençam" (COHEN, 1968, p.35), há os conformistas e os inconformados que, culturalmente, agrupam-se em coletividades menores, criando subculturas ou contraculturas em relação a ordem vigente.

Para Cohen (1968, p.46), há três tipos de comportamento transgressor: o comportamento transviado, o inconformismo e a rebeldia.

> "O transviado viola as regras, mas não discute sua validade nem tenta modificá-las; está mais interessado em realizar sua violação do que em fazer alguma coisa a respeito das regras, mas não discute sua validade nem tenta modifica-las; está mais interessado em realizar sua violação do que em fazer qualquer coisa a respeito das regras. " (COHEN, 1968, p. 46).

E o sociólogo evidencia ainda que, já "o inconformista, ao contrário, "deseja mudar as normas que

[4] "O primeiro grau da humildade é obediência sem detardança. Esta convém e pertence àqueles que nom amam nem prepõem nenhuma cousa ao amor de Jesu (sic) Cristo." Da obediência – Regra de S. Bento. (FERREIRA, 1980, p. 114).

nega na prática. Deseja substituir as normas que considera moralmente suspeitas, por outras, que tenham uma base moral correta. " (COHEN, 1968, p. 46). Nessa linha de pensamento, Cohen (1968, p. 46) declara que, "enquanto o transviado esconde a transgressão, o inconformista procura chamar a atenção para o que considera como normas imperfeitas, ao zombar abertamente delas. "

Este mesmo autor pensa ainda em um outro tipo de comportamento transgressor, que seria "o rebelde que não é nem transviado nem inconformista; ele não contesta apenas a sabedoria desta ou daquela regra, mas nega até a autoridade em que repousa a reivindicação de validade de todo o conjunto de regras. " (COHEN, 1968, p.46-47).

Considerando-se, portanto, as definições do sociólogo, pode-se fazer a seguinte declaração: os poetas-cantores do Trovadorismo não se encaixavam em nenhuma das situações retro dispostas, no entanto, apresentavam características comuns às três, ou seja, violavam a ordem sociocultural estabelecida sem, todavia, deixar claro uma intenção de mudar essa ordem. Por outro lado, não escondiam sua transgressão, mas cantavam suas cantigas a quem quisesse ouvi-las, de modo que, é possível acreditar que uma reflexão social pudesse ali ser disseminada.

Talvez seja mais justo e frutífero dizer que,

> "Na literatura do comportamento transgressor, geralmente se supõe que os atos de transgressão são sempre atos dos indivíduos. Isso reflete provavelmente uma suposição subjacente de que as entidades superindividuais ou "coletivas" são ficções ou ilusões; como tais, não podem "fazer" coisas e unicamente os indivíduos podem, de fato, realizar atos. Todavia, dos pontos de vista da vida diária, supõe-se igualmente que as coletividades – corporações, países, universidades, fraternidades, exércitos, residências de estudantes, times esportivos, sindicatos – são reais e fazem coisas, muitas das quais são transgressoras: rompem contratos, praticam atrocidades, fraudam, violam as leis, fazem coisas mesquinhas, indignas e traiçoeiras. " (COHEN, 1968, p. 51).

Essa afirmação pretende mostrar que em meio às coletividades aventadas, pode-se evidenciar também os movimentos literários que, historicamente, suscitaram e implementaram novas e/ou subversivas formas de pensar a realidade social que os viu nascer, proporcionando, dentre outras ações e reflexões, o questionamento do status quo.

Em contrapartida, conforme Cohen (1968, p. 22-32), a transgressão não pode ser confundida necessariamente com a criminalidade, ela pode ser encarada de forma positiva pois, "realmente, para os que se comportam bem, pode ser importante a existência dos que se comportam mal. Os transgressores proporcionam o efeito contrastante que torna precioso o conformismo, e dele faz uma fonte de satisfação." (COHEN, 1968, p. 30).

Continuando o que foi dito, Foucault (2001a) também corrobora esse ponto de vista,

> "Essa existência tão pura e tão embaralhada, para tentar pensá-la, pensar a partir dela e no espaço em que ela abarca, é necessário desafogá-la das suas afinidades

> suspeitas com a ética. Libertá-la do que é escandaloso ou subversivo, isto é, do que é animado pela potência do negativo. A transgressão não opõe nada a nada, não faz nada deslizar no jogo da ironia, não procura abalar a solidez dos fundamentos; não faz resplandecer o outro lado do espelho para além da linha invisível e intransponível. É justamente porque ela não é violência num mundo partilhado (num mundo ético) nem triunfa sobre os limites que ela apaga (num mundo dialético ou revolucionário), que ela toma no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que se abre neste limite e desenha o traço fulgurante que o faz nascer. " (FOUCAULT, 2001a, p.33).

E dando continuidade a essa linha de raciocínio, Cohen (1968), p. 31-32), reitera que,

> "A transgressão também pode funcionar como um sinal ou um aviso, chamando a atenção para os defeitos na organização social. [...] Se não for reprimida, a transgressão é sempre uma ameaça à organização. Todavia, em determinadas circunstâncias, pode trazer importantes contribuições à vitalidade e à eficiência da vida social organizada, e até os conformistas da coletividade podem não desejar a eliminação da transgressão ou a expulsão dos transgressores. " (COHEN, 1968, p.31-32).

Deste modo, trovadores, jograis e segréis eram solicitados e aceitos nos espaços geográficos e sociais e podem ser vistos como agentes de circularidade cultural, que reforçavam com a poesia satírica de escárnio e maldizer os desvios morais da sociedade medieval, mas que, no entanto, corroboravam o contraste entre os atos transgressores e os moralmente aceitos. Portanto, eram bem-vindos.

Na década de 60, a filosofia foucaultiana debruça-se a abordar e analisar obras literárias de escritores como Sade, Roussel, Blanchot, Artaud e Bataille, e ainda, a transgressão interior como meio de aniquilação do sujeito no intuito de, em uma espiral ascendente, atingir novas formas de compreensão. As obras desses escritores exploravam, como afirma a máxima de Blake (1993, p. 91), que "a estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria", ou seja, são obras vistas como "uma profanação em um mundo que não reconhece mais sentido positivo no sagrado." (FOUCAULT, 2001a, p. 29).

Publicado em 1963, *Prefácio à transgressão*, artigo no qual Foucault analisa a obra de Georges Bataille em três aspectos fundamentais:

1- A sexualidade.
2- O sagrado.
3- A linguagem.

De 1972 a 1984, ano de sua morte, escreve e publica a *História da Sexualidade*, cujas bases são fundadas na análise de obras dos escritores já aventados. Sendo que esses nos deixaram "uma experiência essencial a nossa cultura [...] uma experiência da finitude e do ser, do limite e da transgressão" (FOUCAULT, 2001a, p. 36). A questão da sexualidade foi uma presença constante nas análises foucaultianas nesse período.

Seguindo por esse caminho, no artigo, *Prefácio à transgressão,* Foucault (2001a), informa que,

> "[...] a sexualidade encontrou uma verdade natural que teria por muito tempo esperado na sombra [...] no entanto, a sexualidade teve um sentido mais imediatamente natural e sem dúvida talvez só tenha conhecido uma tão grande "felicidade de expressão" no mundo cristão dos corpos decaídos e do pecado. " (FOUCAULT, 2001a, p.28).

Assim, se na experiência do discurso literário, de Sade a Bataille, a sexualidade e o erotismo encontravam vazão, o mesmo não acontecia no contexto histórico e social ao qual Foucault pertencia. Sob essa perspectiva, basta observar o resultado de uma pesquisa sobre sexualidade de 1952.

TABELA 1: Número de sociedades que castigam/tipos específicos de comportamento sexual

Número de sociedades que castigam tipos específicos de comportamento sexual		
Nº de sociedades medidas	**Porcentagem que castiga**	**Tipo de comportamento**
54	100	Incesto
82	100	Rapto de mulher casada
84	99	Estupro de mulher casada
55	95	Estupro de mulher solteira
43	95	Relação sexual no período após parto
15	93	Bestialidade do adulto
73	92	Relação sexual durante a menstruação
88	89/87	Adultério (amante/mulher)
22	86	Relação sexual durante amamentação
52	86	Infidelidade da noiva
52	85	Sedução da noiva de outro homem
74	85	Gravidez ilegítima
30	77	Sedução de moça pré-núbil
44	80	Homossexualidade masculina
49	44/41	Relações pré-conjugais (homem/mulher)
97	67	Relação sexual durante a gravidez
67	10	Relação sexual com noivo (a)
16	78	Masturbação
93	75	Homossexualidade feminina

Fonte: Júlia S. Brown, "A comparative study of deviations from sexual mores", American sociological review (abril 1952), 17: 138. Apud. Cohen, 1968, p. 34.

Ao analisar o quadro retro exposto, Cohen (1968, p. 35) conclui que, "os tipos de castigo considerados como prova de transgressão dos hábitos sexuais iam desde pequenas penalidades e reprovação dos pais até a tortura, o suicídio forçado e a morte. " Então, é dito que, se há "castigo", é porque há a existência dos comportamentos sexuais enfatizados e esses são vistos e julgados como uma conduta inapropriada para os padrões morais das sociedades pesquisadas[5], portanto, passíveis das punições enunciadas pelo autor.

Ainda que a punição seja legitimada pelos núcleos família-estado, a transgressão motivada por aspectos sexuais é algo inerente e perene nas entranhas sociais, isso pode ser percebido nas condutas individuais e coletivas, registradas historicamente pela literatura desde os mandamentos bíblicos presentes na Tábua das Leis, que faziam supor a existência de atos transgressores, passando pela sátira medieval galego portuguesa até os sites de relacionamento da contemporaneidade (ZAGO, 2013, p. 16)

Na Idade Média, por exemplo, em que a forte presença cristã outorgava as leis que regiam o Direito, delegava-se, muitas vezes, à Igreja o papel de juíza dos delitos que ali eram manifestos.

> "A existência de fé cristã medieval é um dos fatos mais surpreendentes da história do direito: a fé na divindade da instituição deu origem ao direito da mesma instituição que, por sua vez, regulava a dita fé. [...] uma demonstração patente da anima operando como diretora do corpus [...] " (ULMANN, 1971, p. 97-98).

No entanto, os processos de transgressão evidenciam-se no fazer artístico da literatura, dos versos em latim dos goliardos presentes nos *Carmina Burana* aos versos em romanço do cancioneiro satírico galego português, a sexualidade contraventora era motivo de deleite e riso da variada audiência dos músicos e artesãos da linguagem. Só para se ter uma ideia, foram registradas 175 cantigas galaico portuguesas que abordam comportamentos e desvios sexuais.

Tal como esta canção de Martin Soares (2002, p.319), que aborda como tema o adultério,

"Esta outra cantiga fez a Pero Rodriguiz Grougelete, de sa molher, que havia prez que lhi fazia torto.

Pero Rodriguiz, da vossa molher
nom creades mal que vos home diga,
ca entend'eu dela que bem vos quer,
e quem end'al disser, dirá nemiga;
e direi-vos em que lho entendi:
em outro dia, quando a fodi,
mostrou-xi-mi muito por voss'amiga.

Pois vos Deus deu bõa molher leal,
nom tenhades per nulha jograria
de vos nulh'home dela dizer mal,
ca lh'oí eu jurar em outro dia

[5] Na pesquisa, presente no livro *Transgressão e controle*, de Albert K. Cohen, foram evidenciados apenas os resultados sem, no entanto, informar quais as sociedades analisadas.

ca vos queria melhor doutra rem;
e, por veerdes ca vos quer gram bem,
nom sacou ende mi, que a fodia[6]*. “* [7]

De maneira talentosa, o trovador, através da equivocatio, jogo de caráter literário, usa da ironia, definida assim por Foucault:

> “Fenômeno raro na história da linguagem literária, a sátira é contemporânea exatamente da maneira como ela libera a imagem lastimável. Como se nascessem juntas e do mesmo ponto central duas linguagens complementares e gêmeas: uma residindo inteiramente em sua ingenuidade, a outra, na paródia: uma não existindo senão para o olhar que a lê, a outra remetendo a rudimentar fascinação do leitor às astúcias fáceis do escritor. Mas na verdade, essas duas linguagens não são apenas contemporâneas: são interiores uma à outra, coabitando, cruzando incessantemente, formando uma trama verbal única e uma espécie de linguagem bifurcada, voltada contra si no interior de si mesma, destruindo-se em seu corpo, peçonhenta em sua própria densidade. “ (FOUCAULT, 2001b, p. 56).

Esta exposição sublinha as intenções do poeta de modo a enfatizar “as qualidades” da adúltera dama. *[...]Pois vos Deus deu bõa molher leal, / nom tenhades per nulha jograria / de vos nulh'home dela dizer mal[...].* Embora se coloque entre os amantes da referida mulher, louva-a sugerindo que o bem do marido era seu intuito, *[...] ca vos queria melhor doutra rem / e por veerdes ca vos quer gram bem [...].*

Então fica claro que, apesar da sociedade medieval galego portuguesa estar alicerçada nos princípios do cristianismo, dogmática e conservadora, como praticamente toda a Europa dos séculos XII ao XIV, período de maior vigência do Trovadorismo, este pode registrar historicamente certos comportamentos - no caso aqui, o adultério - que vigoravam também naquela época.

Outro aspecto exposto por Foucault sobre a obra de Bataille, diz respeito à questão do sagrado. Que reside “na importância concedida ao tema da profanação que, desde Sade até Bataille, passando por Nietzsche, se confunde com a transgressão, num mundo agora dominado pela ausência de Deus e mesmo por sua morte.” (SARDINHA, 2010, p. 181-182). Para o filósofo francês, as ações humanas como o sacrifício, o êxtase, a comunicação, a sexualidade e a violência eram dotadas de uma mística sobrenatural que, no

[6] Para conhecer outras cantigas que abordam o tema da sexualidade, acessar: http://cantigas.fcsh.unl.pt/resultado3.asp?metodo=qs&tipo=temas&tema=5&subtema=54

[7] Pero Rodriguiz, de vossa mulher / não creias no mal que os homens dizem / pois entendi eu dela que bem vos quer / e quem outra coisa disser, dirá mentira / e direi-vos quando entendi:/ em outro dia, quando a fodi / mostrou-se a mim muito vossa amiga / Pois vosso Deus lhe deu boa mulher leal / não aceites nem por brincadeira / que homem algum dela diga mal / pois eu a ouvi jurar outro dia / que vos queria mais que qualquer coisa / e por ver que vos quer grande bem / nem me pôs de fora, quando a fodia.
Versão realizada conforme o glossário galego-português em: http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp

entanto, refutava a ideia de Deus, porque, segundo ele, o divinal está presente na experiência humana.

> "O que quer dizer na verdade a morte de Deus senão uma estranha solidariedade entre sua existência, que resplende, e o gesto que o mata? Mas que quer dizer matar Deus se ele não existe, matar Deus *que não existe*? Talvez simultaneamente matar Deus porque ele não existe e matar Deus para que ele não exista: motivo de riso. Matar Deus para libertar a existência dessa existência que a limita, mas também para conduzi-la aos limites que essa existência ilimitada apaga (o sacrifício). Matar Deus para conduzi-lo a esse nada que ele é e para manifestar sua existência no centro de uma luz que a faz flamejar como uma presença (é o êxtase). Matar Deus para perder a linguagem em uma noite ensurdecedora, e porque esta ferida deve fazê-lo sangrar até que jorre uma "imensa aleluia perdida no silêncio sem fim" (é a comunicação). A morte de Deus não nos restitui a um mundo limitado e positivo, mas a um mundo que se desencadeia na experiência do limite, se faz e se desfaz no excesso que a transgride. " (FOUCAULT, 2001a, p. 30-31).

Matar Deus no abandono de sua crença, de sua representação, de modo a escarnecê-lo e escarnecer a quem o mantêm vivo, como canta o trovador Pero Garcia Burgalês (2002, p. 417):

"Nunca Deus quis nulha cousa gram bem
nem de coitado nunca se doeu,
pero dizem que coitado viveu;
ca, se s'El del doesse, doer-s'-ia
de mi, que faz mui coitado viver,
a meu pesar, pois que me foi tolher
quanto bem eu eno mund'atendia.

Mais enquant'eu já vivo for, por em
nom creerei que o Judas vendeu
nem que por nós na cruz morte prendeu
nem que filh'est de Santa Maria
e outra cousa vos quero dizer:
ca foi coitado nom quero creer,
ca do coitad'a doer-s'haveria.

Ainda vos d'El direi outra rem:
pois quanto bem havia me tolheu
e quant'El sempre no mund'entendeu
de que eu mui gram pesar prenderia,
per bõa fé, dali mi o fez prender;
por esto nom quer'eu per El creer,
e quanto per El crive, fiz folia.

E se El aqui houvess'a viver
e lh'eu por en podesse mal fazer,
per bõa fé, de grado lho faria!
Mais - mal pecado! - nom hei en poder
e nom Lhi poss'outra guerra fazer;

mais por torpe tenh'eu quem per El fia!"[89]

Em nota explicativa, Lopes; Ferreira *et al* (2011, on-line[10]), informam que,

> "Como vários outros trovadores dos cancioneiros, Pero Garcia Burgalês dirige aqui uma forte invetiva contra Deus, a quem acusa de ser responsável pela morte da mulher amada. Por isso, diz, já não pode mais acreditar n´Ele, nem em nada do que a história sagrada conta sobre os seus sofrimentos, pois, se tivesse amado ou sofrido, decerto que teria tido piedade dele. A composição faz parte de um ciclo, que inclui mais três outras cantigas, que Pero Garcia compôs sobre este tema, duas delas relativamente próximas do registo da cantiga de amor, mas uma outra já próxima deste registo satírico ou blasfemo."

E embora a motivação blasfema seja o seu afastamento das coisas queridas (provavelmente a mulher amada) que lhe foram assim surrupiadas por intervenção divina, é de se admirar que tal tema pudesse ser composto e cantado pelos salões medievais, onde comungavam da mesma arte poética e da mesma crença cristã, nobres, clérigos e serviçais, sem que isso incorresse em uma apologia à liberdade proporcionada pelo renascimento do século XII, fruto de uma gama de fatores políticos, religiosos, morais e sociais deveras transgressivos.

Quando a questão é a linguagem, Foucault (2001b, p. 47-48), recorre ao leitmotiv grego para invocar a ideia de que escrever ou mesmo falar é um ato de conjuração contra a morte, uma vez que esta é onipresente. E que os infortúnios enviados pelos deuses para flagelar a humanidade existem para que os homens pudessem narrá-los, de modo que, em redobrados cantares ou fixados pela literatura, suas histórias se recomporiam infinitas vezes, conferindo aos homens, sobretudo aos heróis, a imortalidade.

Postula que é possível que a linguagem seja olhada como um espelho, no intuito de funcionar como um reflexo de si mesma e, disposta como um jogo de espelhos em sucessivas duplicações, pudesse se refletir infinitas vezes. Ainda que a fala, como marca de oralidade, seja tão antiga quanto a linguagem, foi a escrita que conferiu à linguagem um processo de continuidade que pode se fazer concreto por

[8] Para conhecer outras cantigas que abordam o tema da heresia e da blasfêmia, acessar: http://cantigas.fcsh.unl.pt/resultado3.asp?metodo=qs&tipo=temas&tema=5&subtema=74

[9] Nunca Deus quis a nenhuma coisa grande bem / nem de coitado nunca teve pena / embora digam que como coitado ele viveu / pois se conhecesse a dor, teria pena de mim / que me faz viver como coitado / a meu pesar, pois me tirou / quanto bem no mundo eu esperava. / mas enquanto eu vivo for / não acreditarei que o Judas o vendeu / nem que por nós na cruz morreu / nem que filho é de Santa Maria / e outra coisa vos quero dizer: / que foi coitado não quero crer / que de coitado não havia de se condoer / ainda dele direi outra coisa / pois quanto bem havia me tirou / e tudo quanto ele entendeu / que me daria grande pesar nesse mundo / tudo isso me fez sofrer / e se ele aqui vivesse / e a ele pudesse mal fazer / por boa fé, de bom grado lhe faria! / mas por meus pecados não tenho poder / nem outra guerra posso lhe fazer / pois mais vil sou eu que nele confia. Versão realizada conforme o glossário galego-português em: http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp

[10] Ver: http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=209&tr=4&pv=sim

meio dos signos que, se ocultam ou se revelam, se silenciam ou gritam, ofertando a si mesmos em infinitas possibilidades de leitura.

> "Escrever, para a cultura ocidental, seria inicialmente se colocar no espaço virtual da auto-representação e do redobramento: a escrita significando não a coisa, mas a palavra, a obra da linguagem não faria outra coisa além de avançar mais profundamente na impalpável densidade do espelho, suscitar o duplo que é já a escrita, descobrir assim um infinito possível e impossível, perseguir incessantemente a palavra[...]. " (FOUCAULT, 2001b, p. 49).

Assim, o signo para ele é constituído de uma considerável amplitude e todos os significados devem estar contidos nele, ou seja, para Foucault (2001b, p. 51) "a obra da linguagem é o próprio corpo da linguagem" abastecendo a si mesma pela multiplicidade efetiva da leitura e, uma vez que o signo é posto, ele é aberto a ressignificações e desdobramentos, extrapolando os próprios limites em uma pluralidade de efeitos de sentido.

> "[...] essas linguagens, incessantemente puxadas para fora de si mesmas pelo inumerável, o indizível, o estremecimento, o estupor, o êxtase, o mutismo, a pura violência, o gesto sem palavra e que são calculadas, com maior economia e maior precisão, para tal efeito (ao ponto de se fazerem transparentes, tanto quanto é possível para esse limite da linguagem para o qual elas se apressam, anulando-se em sua escrita para a soberania única do que elas querem dizer e que está fora das palavras), são muito curiosamente linguagens que se representam a si mesmas em uma cerimônia lenta, miraculosa e prolongada ao infinito. Essas linguagens simples, que nomeiam e mostram, são linguagens curiosamente duplas. " (FOUCAULT, 2001b, p. 53).

Foucault afirma que a literatura, como produto da linguagem, e esta conceituada como,

> "[...] o murmúrio de tudo aquilo que é pronunciado, e também é, ao mesmo tempo, esse sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos; em suma, a linguagem é a um só tempo todo o fato das falas acumuladas na história e o próprio sistema da língua. " (FOUCAULT, 2016, p. 78).

Pode ser entendida como uma página em branco, o que possibilitaria ser desdobrada em ressignificações constantes,

> "[...] E por conseguinte, assim que essa página começa a ser preenchida, assim que as palavras começam a ser transcritas sobre essa superfície ainda virgem, nesse momento, cada palavra é, de algum modo, absolutamente decepcionante em relação à literatura, pois não há palavra que pertença por essência, por direito natural, à literatura. Na verdade, assim que uma palavra é escrita sobre a página branca, que deve ser a página da literatura, a partir desse momento já não é mais literatura, vale dizer que cada palavra real é de algum modo uma transgressão, que faz em relação à essência pura, branca, vazia, sagrada da literatura uma transgressão, que faz de toda obra não, de modo algum,

> a consumação da literatura, mas sua ruptura, sua queda, seu arrombamento. " (FOUCAULT, 2016, p. 82-83).

Isto é, a literatura é uma ideia cuja edificação do significado está no olhar que dela se faz e para cada um desses olhares há uma ampla e múltipla rede de significações tecidas que por si só não se esgota, ela pode ser sempre renovada, construída incessantemente em ressignificações estabelecidas pelos lugares dos sujeitos-leitores.

Portanto, a escolha das palavras reflete o nível de transgressão linguística que se objetiva e é um equívoco acreditar que determinado tipo de linguajar, sobretudo o calão, é uma característica exclusiva da modernidade. É perceptível, pois, que uma linguagem chula e grosseira acontecia nas satíricas galaico-portuguesas, à priore, meramente orais, depois compiladas nos cancioneiros já em língua vulgar ou romanço, como forma de construção literária que escapava aos padrões eruditos da literatura, redigida em latim pelos clérigos.

De modo a exemplificar, propõe-se a leitura dessa cantiga de Martin Soares (2002, p. 308-309):

"Esta outra cantiga fez a Afons'Eanes do Cotom. Foi de maldizer aposto, em que mostrava dizendo mal de si, as manhas que o outr'havia; e diz assi.

Nostro Senhor, com'eu ando coitado
com estas manhas que mi quisestes dar:
som mui gram putanheir[o] aficado
e pago-me muito d'os dados jogar;
des i ar hei mui gram sabor de morar
per estas ruas, vivend'apartado.

Podera-m'eu bem, se foss'avegoso,
caer em bom prez e honrado seer;
mais pago-m'eu deste foder astroso
e destas tavernas e deste bever;
e, pois eu já mais nom posso valer,
quero-m'andar per u seja viçoso.
E pois eu entendo que rem nom valho,
nem hei por outra bondad[e] a catar,
nom quer'eu perder este fodestalho,
nem estas putas nem est[e] entençar,
nem quer'ir per outras fronteiras andar,
perdend'o viç'e dando-mi trabalho.

Ainda eu outras manhas havia,
per que eu nom posso já muito valer:
nunca vos entro na tafularia
que lhi nom haja algum preit'a volver;
porque hei pois em gram coita [a] seer,
é fugir [e] guarir na putaria.

E pois, quando me vej[o] em meu lezer,
merendo logo; e pois vou mia via;
e leix[o] i putas de mi bem dizer,
e de mias manhas e de mia folia. "[11]

[11] Nosso Senhor, como eu ando infeliz / com estas qualidades que me quisestes dar / sou um grande e afincado putanheiro / e encontro muito prazer nos dados / além disso e também gosto de morar / por estas ruas, vivendo distante / pudera eu bem, se tivesse sorte / ter boa reputação e ser honrado / mas encontro satisfação neste foder infeliz / e

Nessa cantiga, o trovador expõe os hábitos pouco adequados (jogo, bebida e mulheres) de Afonso Eanes de Cotom, utilizando-se de uma linguagem – que inclui palavras como *putanheiro, foder, fodestalho, putaria* - não condizente com os valores morais que prevaleciam durante a Idade Média, sobretudo, nos meios corteses. Linguagem esta que estava em detrimento da que aparecia na lírica amorosa e nos textos oficiais religiosos, jurídicos e políticos.

Enfim, todos os aspectos levantados - a sexualidade, o sagrado e a linguagem - segundo Foucault, são agentes e pacientes da transgressão, pois para o filósofo, a transgressão acontece na coisa em si. Segundo Foucault (2001a),

> "A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível". Como um corredor com inumeráveis portas e quando se atravessa uma, que logo após se fecha, surge então outra em uma sequência infinita. " (FOUCAULT, 2001a, p. 32).

Conforme o dicionário de língua portuguesa (COSTA; MELO, 1999, p. 1620), pode-se definir transgressão como "acto ou efeito de transgredir; infracção; violação; avanço gradual do mar sobre as terras; passagem além de; acção de ultrapassar, de atravessar."

E ainda, o que se quer evidenciar é que, a transgressão é:

> "A ação humana de atravessar, exceder, ultrapassar, noções que pressupõem a existência de uma norma que estabelece e demarca limites. Seu significado transitou da esfera geográfica, na qual fixava o limite para as águas do mar à concepção ético-filosófica, que abriga desde preceitos morais e religiosos até as leis do Estado. Daí as contraposições entre bem e mal, mandamento e pecado, código e infração. " (SILVA, 2012, p.14).

Portanto, considerando tal conceito e as análises apresentadas, pode-se concluir que, para Foucault, a transgressão acontece no sujeito, para Cohen ela acontece também em uma coletividade. O que Foucault chama de limite, Cohen denomina de normas e leis. Para Foucault a

nestas tavernas e neste beber / não sou, pois, valoroso / quero andar por onde seja feliz / e entendo que nada valho / nem é válido procurar mais qualidades / nem quero eu perder a fornicação / nem estas putas nem as tenções / nem quero em outras fronteiras andar / perdendo o prazer e encontrando trabalho / ainda tenho outras qualidades / porque já não posso muito valer / nunca entro numa zona de jogo / que aí não provoque desentendimentos / pois fico sob muito sofrimento / e fujo e refugio-me na putaria / e quando as coisas se acalmam / como rápido e vou-me embora / e deixo as putas dizendo bem de mim / das minhas qualidades e da minha loucura.
Versão realizada conforme o glossário galego-português em: http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp

transgressão não é positiva nem negativa, para Cohen acontece o contrário, ela pode ser uma e outra. Em suma,

> "Nas ações criativas humanas, transgressor e transgredido tendem a confundir-se. Por essa razão, o ato criador não se processa em série, como numa linha de montagem predeterminada. O criador/transgressor é o agente solitário que opera a superação de si mesmo na ruptura com o mundo que o cerca. Cada um, ao buscar, ao inventar, ao tentar o ainda-não-ousado, o novo, incorre em transgressão, não como subversão da ordem, mas como implementação, como criação. Ao longo da história foram muitos a "transgredir" as normas vigentes na sua época, mesmo os que, na íntegra revolucionaram suas áreas de atuação. " (SILVA, 2012, p.14).

Então, para finalizar, declara-se que o presente artigo pretendeu-se constituir como um breve, no entanto, como um exame crítico da poesia trovadoresca medieval de escárnio e de maldizer, que era transgressiva em todos os aspectos abordados. Ou seja, em uma Europa enraizada nos preceitos do cristianismo, os poetas ousaram abordar a sexualidade incorrendo até no uso de palavras de baixo calão, em língua vulgar: a românica galego portuguesa, que transgredia a língua da cultura eclesiástica que era o latim e mais, há poemas que, abertamente falam mal de Deus e dos membros da instituição que o representava: a Igreja Católica.

Há cantigas que criticam explicitamente as instituições políticas e os mandos e desmandos nos paços reais e senhoriais. Criticavam a nobreza, o clero e a plebe, incorrendo em um processo de circularidade cultural que, segundo Barros (2006, p. 28), "atravessava todas as classes sociais, e por isso podia representar a pluralidade social. " E esses agentes transgressores: trovadores, jograis e segréis eram aceitos e como anteriormente dito, bem-vindos, de feiras a palácios, pois traziam o riso, que por si só já é extremamente transgressor.

Então pode-se concluir que, a perspectiva de Foucault e Cohen sobre a transgressão convergem no seguinte aspecto: a transgressão existe porque existem limites e leis, ou seja, "O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser" (FOUCAULT, 2001a, p. 32), por isso, onde há o controle social em algum momento esse será questionado e quiça burlado. Assim, a impressão que se tem é que, as "Prisões se constroem com pedras da Lei; Bordéis, com tijolos da Religião. " (BLAKE, 1993, p. 91) em que há uma relação de reciprocidade em que uma coisa conferisse a outra a sua validade. Nessa linha de pensamento, pode-se afirmar que, "não existe nem um limite intocável nem uma transgressão fora dos limites. Nem o limite, nem a transgressão são definitivos, ambos são provisórios. Nenhum possui sentido em si mesmo, mas apenas em função do outro." (SARDINHA, 2010 p. 181).

Ainda Foucault (2001a) "O jogo instantâneo do limite e da transgressão seria atualmente a prova essencial de um pensamento sobre a 'origem'" (FOUCAULT, 2001a, p. 35). Ou origens, o que constituiria um eterno renovar, como a fênix renascida da cinzas de sua morte, ou como as cantigas trovadorescas medievais galaico-portuguesas que se

desdobraram em outros movimentos e gêneros lítero-musicais como o Neotrovadorismo, ocorrido na Galícia, Portugal e Brasil, entre as décadas de 1920 e 1930[12].

Por conseguinte, atitudes transgressivas são necessárias para insuflar a dinâmica social e a construção e reconstrução histórica da humanidade, conforme Blake (1993, p. 85), "Sem contrários não há progressão. A atração e a repulsa, a razão e a energia, o amor e o ódio são necessários à existência humana". Não necessariamente falamos aqui de uma crença no mito do progresso, porém, da necessidade da transgressão como um modo de agregar conhecimentos que ajudem homens e mulheres a se compreenderem como sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS:

BARROS, José D'Assunção. *O trovadorismo medieval ibérico e a violência simbólica – séculos XIII e XIV*. In. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 25-42, dez./2006. Disponível em:http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1355/1060. Acesso em 25 de julho de 2016 às 17:20.

BLAKE, William. *Poesia e prosa selecionadas / introdução, seleção, tradução e notas Paulo Vizioli.* São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

COHEN, Albert K. *Transgressão e controle.* São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968.

COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio. *Dicionário da Língua Portuguesa (8ª edição).* Porto: Porto Editora, 1999.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha. *Poesia e Prosa Medievais.* Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1980.

FOUCAULT, Michel. 2001a. *Prefácio à Transgressão.* In: M. FOUCAULT, Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

_____. 2001b. *A Linguagem ao Infinito*. In: M. FOUCAULT, Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

_____. *A grande estrangeira: sobre literatura / Michel Foucault*; tradução Fernando Scheibe. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LIPPI, Sílvia. *Os Percursos da Transgressão (Bataille e Lacan)*. Ágora vol. XII nº2 jul. /dez., 173-183. 2009.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. (2011, on-line), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em 23 de novembro de 2016 às 13:21.

LOPES, Graça videira. *Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses*. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

[12] Ver: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Saudosismo e Neotrovadorismo (Afonso Lopes Vieira, Guilherme de Almeida e Álvaro Cunqueiro).* Disponível em: http://repositorio.lusitanistasail.org/maleval01.htm

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Peregrinação e Poesia.* Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999.

SARDINHA, Diogo. *As duas ontologias críticas de Foucault: da transgressão à ética.* In: Trans/Form/Ação, Marília, v.33, n.2, p.177-192,2010. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/1038/937. Acesso em 15 de janeiro de 2017 às 12:34

SILVA, Severino Pedro da. *A doutrina do pecado*. Setembro 2012. Rio de Janeiro – RJ. Editora CPAD. Disponível em: https://pt.slideshare.net. Acesso em: 10 de janeiro de 2017 às 09:30

SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

ULMANN, Walter. *Principios de gobierno y política en la Edad Media. Madrid: Revista Occidente*, 1971.

ZAGO, Luís Felipe. *Os meninos: corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet.* Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70594/000878105.pdf?sequence=1. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

REFERÊNCIAS DAS CANTIGAS:

BURGALÊS, Pero Garcia. *Nunca Deus quis nulha cousa gram bem*. In: LOPES, Graça videira. Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

SOARES, Martim. *Pero Rodriguiz, da vossa molher*. In: LOPES, Graça videira. Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

_____. *Nostro Senhor, com'eu ando coitado*. In: LOPES, Graça videira. Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.